

A MULTIPLICIDADE DE DENOMINAÇÕES EVANGÉLICAS ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEOLÓGICAS À LUZ DA BÍBLIA E DA PATRÍSTICA

THE MULTIPLICITY OF EVANGELICAL DENOMINATIONS. SOME BIBLICAL AND
PATRISTIC THEOLOGICAL CONSIDERATIONS.

Carlos Jeremias Klein¹

RESUMO

Este trabalho trata de algumas divisões na história da Igreja, destacando o grande número de denominações no protestantismo, principalmente nos Estados Unidos e no Brasil. A partir de inícios do século XX surge o movimento pentecostal e, posteriormente, um grande número de denominações neopentecostais, particularmente no Brasil, cujos fundadores ou líderes, por vezes, intitulam-se bispos ou apóstolos. Apresenta, também, algumas considerações à luz de textos bíblicos e da teologia dos Pais da Igreja sobre o tema da fragmentação da Igreja.

PALAVRAS CHAVES: História da Igreja, denominacionalismo, movimento pentecostal, neopentecostalismo, Bíblia, Teologia patrística.

ABSTRACT

This work deals with some divisions in the Church History, emphasizing the large number of denominations in protestantism, especially in the USA and in Brazil. At the beginning of the twentieth century the pentecostal movement appears and later neopentecostal groups, whose leaders are called bishops or apostles. This work presents too some theological considerations about ecclesiastical fragmentation in the light of the Bible and the Church Fathers theology.

KEY WORDS: Church History, evanelical denominations, Pentecostal movement, Neopentecostal groups Bible, Church Fathers theology.

85

INTRODUÇÃO

O surgimento de um grande número de novas denominações no cenário do mundo evangélico, principalmente nos Estados Unidos e na América Latina, é um dos fenômenos mais constatáveis no cenário religioso, pelo menos a partir do século XX. Neste artigo, após algumas incursões na História da Igreja, trato do assunto principalmente no Brasil, e apresento algumas considerações de ordem histórica e eclesiológica.

Uma pesquisa realizada na cidade de Londrina, Paraná, publicada em 2004, assinala a existência de 114 denominações evangélicas nessa cidade.² O fenômeno pode ser constatado em quase todas as cidades e regiões do Brasil.

Peter Berger afirmou que os dois maiores fenômenos na cena religiosa mundial são a irradiação islâmica e a explosão pentecostal.³ Em entrevista a Thamires Magalhães, o teólogo Faustino Teixeira observou: “O crescimento pentecostal no Brasil é espantoso, embora se perceba um traço de pulverização em razão de constantes divisões ocorridas

¹ Mestre e doutor em Ciências da Religião, área de Teologia e História, pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor no Centro Universitário Filadélfia – UniFil, Londrina (PR).

² Moreno, Tomás. “Algumas propostas para a transformação da cidade de Londrina”. In Weil, Pierre, *A revolução silenciosa*, São Paulo, Pensamento, 2004, p. 165. Essa multiplicidade é encontrada também em países europeus, mas em menor escala. Por exemplo, na Romênia há dezoito denominações religiosas reconhecidas, estando as denominações pentecostais sob a *União Pentecostal da Romênia*.

³ Thamires Magalhães. *O campo religioso brasileiro na ciranda dos dados*. www.uhonline.usininos.br, acesso em 15.10.12.

em seu meio e da criação de novas igrejas a cada momento nos espaços mais exíguos”.⁴

O tema da fragmentação ou pulverização de denominações evangélicas tem sido abordado principalmente na ótica sociológica. Este trabalho trata do assunto na perspectiva histórica e bíblico-teológica.

O problema da unidade na Igreja antiga e medieval

A unidade na Igreja Antiga

Não obstante a diversidade cultural das comunidades cristãs no primeiro século, a unidade da Igreja é enfatizada nos livros do Novo Testamento.

Na sua primeira carta aos Coríntios Paulo exorta-os à unidade: “Guardai a concórdia uns com os outros, de modo que não haja divisões entre vós; sede estreitamente unidos no mesmo espírito e no mesmo modo de pensar... Explico-me: cada um de vós diz: ‘Eu sou de Paulo!’ Ou ‘Eu sou de Apolo!’, ou ‘Eu sou de Cefas!’, ou ‘Eu sou de Cristo!’”. Cristo estaria dividido?” (1Co. 1,19-13^a).

Clemente Romano, bispo, cerca do ano 96 escreve uma Carta aos Coríntios em virtude de problemas de divisão surgidas na comunidade: “Dessa forma, os sem honra se rebelaram contra os honrados, os obscuros contra os ilustres, os insensatos contra os sensatos, os jovens, contra os anciãos [...] Caríssimos, é vergonhoso, muito vergonhoso e indigno da conduta cristã ouvir-se que a firme e antiga Igreja de Corinto, por causa de uma ou duas pessoas, está em revolta contra os seus presbíteros”.⁵

86

Inácio, bispo de Antioquia, na primeira década do século II viajou como prisioneiro a Roma, onde seria martirizado. Passando por Esmirna, escreveu cartas aos efésios, aos magnésios, aos tralianos e uma quarta aos romanos. Depois de deixar Esmirna, escreveu uma carta aos esmirnenses, outra aos filadélfios e a última a Policarpo, bispo de Esmirna. Foi martirizado em Roma, em 107 ou, talvez, em 110.

Inácio é testemunha da Igreja consistindo de bispos, presbíteros e diáconos. Nas cartas, insiste na união dos fiéis em torno do bispo e do presbitério, como na carta aos Magnésios, capítulo 7: “Assim como o Senhor nada fez sem o Pai, com o qual estava unido... assim também vós nada haveis de empreender sem o bispo e os presbíteros, nem queirais fazer passar por razoável o que fazeis à parte. Cuidai mesmo haver, em comum, uma só oração, uma só súplica, uma só mente, uma esperança na caridade”.⁶ Na Carta aos Filadélfios, capítulos 2 e 3, Inácio escreveu: “Filhos que sois da luz da verdade, fugi da cisão e das más doutrinas. Onde estiver o pastor, segui-o, quais ovelhas [...] Não vos deixeis iludir, meus irmãos. Se alguém seguir um cismático, não herdará o reino de Deus”.⁷

Ireneu, bispo de Lião (+ c. 200), escreveu a famosa obra *Adversus haereses*, entre dos anos 180 e 198. Em sua época, a divergência em torno da data da Páscoa ameaçava a unidade da Igreja. Na Ásia, os bispos, sob a liderança de Polícrates, de Éfeso, celebravam

4 Ibidem. Faustino Teixeira, em entrevista a Thamires Magalhães. Em alguns países, não obstante, o pentecostalismo tende a um decréscimo, como na Noruega que, em 1980, contava com 1,04 % e em 2010 com 0,82% da população.

5 Clemente Romano, in *Padres apostólicos*, 1995, p. 25 e 57

6 Inácio de Antioquia, Santo. *Cartas de Santo Inácio de Antioquia*, 1984, p. 52-53.

7 Inácio de Antioquia, Santo. *Cartas*, 1984, p. 71.

a Páscoa na data hebraica, seguindo uma tradição atribuída a São João, passando por Policarpo, bispo de Esmirna. No Ocidente e em algumas igrejas orientais, a Páscoa era celebrada sempre em um domingo. Diante da intransigência do bispo de Roma Vitor (189-199), Ireneu escreveu cartas a este e aos bispos da Ásia, exortando-os a evitar um cisma na Igreja. Com relação aos hereges, afirma: “Nós guardamos fielmente, com cuidado, pela ação do Espírito de Deus, esta fé que recebemos da Igreja, como depósito de grande valor em vaso precioso [...] É nela também que foi depositada a comunhão com o Cristo, isto é, o Espírito Santo, penhor da incorrupção, confirmação da nossa fé [...] Com efeito, ‘Deus estabeleceu apóstolos, profetas e doutores na Igreja’”.⁸

Em meados do século III, ocorrem os cismas de Novaciano, em Roma, e o de Felicísimo, em Cartago. Cipriano, bispo de Cartago, escreve, em vinte e seis capítulos, o tratado *De Catholicae Ecclesiae Unitate* (Da unidade da Igreja Católica), um dos mais influentes escritos de Cipriano, que traz a célebre frase: “Não pode ter Deus por Pai quem não tem a Igreja como mãe”.⁹

No século IV o cisma donatista apresenta algumas características do novacionismo, mas assumirá maiores proporções. A origem foi a contestação da validade da sagração de Ceciliano, como sucessor do bispo Mensurio, de Cartago, pelo fato de um dos bispos participantes da sagração, Felix de Aphungia, ser suspeito de entregar livros sagrados na perseguição de Diocleciano. O bispo alternativo, Majorino, faleceu logo em seguida, sendo sucedido por Donato, que deu nome ao cisma. Os donatistas consideravam que a validade dos sacramentos dependia da dignidade do oficiante, e foram combatidos, em fins do século IV, especialmente por Agostinho, bispo de Hipona.

A Igreja na Idade Média

O Concílio de Éfeso (431) condenou a cristologia de Nestório, patriarca de Constantinopla, dando origem à Igreja Assíria ou Nestoriana.

No ano 451, o Concílio de Calcedônia definiu a natureza divina e humana na única pessoa de Jesus Cristo. Algumas igrejas não aceitaram as cristologia calcedoniana: Igreja Armênia, Sirian-Ortodoxa, Copta e Etíope. Essas antigas igrejas orientais são chamadas “monofisitas”.

Não obstante, os patriarcados de Roma, Constantinopla, Antioquia, Alexandria e Jerusalém permaneceram unidos, nos grandes concílios do primeiro milênio. O grande cisma, entre Oriente e Ocidente, ocorrerá em 1054. O Cardeal Humberto de la Cândia, juntamente com o arcebispo Pedro dos amalfitanos e o diácono chanceler Frederico, enviados do papa Leão IX, frente à indisposição do Patriarca de Constantinopla Miguel Cerulário em recebê-los, depositam, em julho, no altar da Basílica de Santa Sofia uma bula de excomunhão. O Patriarca Cerulário, no mesmo mês, reúne um Sínodo que condenou “aqueles que blasfemaram contra a fé ortodoxa”.¹⁰ No ano de 1965, o Patriarca ecumênico de Constantinopla, Atenágoras, e o papa Paulo VI assinaram uma declaração conjunta suspendendo os anátemas de 1054, mas as Igrejas permanecem divididas.

No Ocidente, Pedro de Valdo (+ 1217), um rico comerciante da província de Lião,

8 Ireneu de Lião, *Adversus haereses*, Livro III, p. 359-360.

9 Cipriano, San. “De la unidad de la Iglesia Católica”, *Obras de San Cipriano*, p. 148. O tema da Igreja como mãe é desenvolvido por João Calvino nas *Institutas* (Livro IV, 1,4).

10 *Enchiridion Vaticanum*, II (Documenti ufficiali della Santa Sede 1963-1967), Bolonha, p. 501-503.

na França, após ouvir na missa a leitura do Evangelho de Mateus, capítulo 10, decidiu distribuir seus bens aos pobres e tornar-se pregador, em fins do século XII. Excomungado em 1183 por insubmissão ao bispo, pregar sem ser ordenado, Valdo e seus seguidores organizaram-se como Igreja, na Itália.

As Igrejas da Reforma protestante e o denominacionalismo nos Estados Unidos e no Brasil

A Reforma protestante não representou um movimento unificado. Na Alemanha, os reformadores Martinho Lutero e Filipe Melanchthon deram origem à Igreja Evangélica, ou de Confissão luterana. Na Suíça, a chamada Igreja Reformada, contou com os reformadores Ulrico Zwinglio (Zurique), Ecolampadio (Basileia), Guilherme Farel e João Calvino, em Genebra.

A partir de 1525 surgem os chamados “anabatistas”, inicialmente em Zurique, em 1525, negando a validade do batismo infantil. Zwinglio acusa-os de sectários: [...] Eles dizem: nós somos a Igreja, e aqueles que não pertencem à nossa Igreja não são cristãos”.¹¹ Zwinglio reprova a prática do rebatismo: “Se a qualquer cabeça dura que tem uma nova ou estranha opinião se permite reunir uma seita em torno de si, divisões e seitas se tornariam tão numerosas que o corpo de Cristo se quebraria em pedaços [...] A Igreja de Cristo nunca autorizou o rebatismo, pois não há justificação para o rebatismo”.¹²

Na Inglaterra, uma Assembleia Geral do clero e Parlamento, em 1531, declarou o rei como Chefe da Igreja, sendo monarca Henrique VIII. No ano de 1534, pelo *Ato de Supremacia*, o rei era considerado chefe supremo da Igreja da Inglaterra, e os bispos passaram a ser nomeados pelo rei.

88 Até o século XVI, os diferentes ramos do cristianismo, em geral, eram territoriais¹³. A partir do século XVII, inicialmente na Inglaterra e, em seguida, nos Estados Unidos, surge o chamado *denominacionalismo*.

As denominações, em geral, não se consideram a única igreja verdadeira, mas partes da Igreja de Cristo. E. Y. Mullins, um batista norte-americano, escreveu que “Desde a Reforma, o denominacionalismo tem sido a expressão característica do cristianismo na sua fase eclesiástica... O direito do livre exame, com a sua independência de tiranias eclesiásticas... deu lugar à grande variedade na interpretação do Novo Testamento”. “A Igreja é a incorporação institucional dos princípios e ideais do reino [de Deus] para fins práticos”.¹⁴ Mullins defende o axioma da “competência da alma em matéria de religião”, ilustrado na liberdade mental da Renascença, no princípio anglo-saxônico do individualismo e no princípio da Reforma da justificação pela fé. Para esse autor, “a América é a arena que Deus proveu para a livre e plena representação deste princípio, e é daqui que ele tem de irradiar até cobrir toda a terra”.¹⁵

Uma asserção frequente no sistema denominacional é a centralidade da unidade espiritual. Não obstante, é problemático afirmar que há uma unidade espiritual entre as denominações evangélicas. Um exemplo: a Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, organizada em 1845, a partir de 1850 decidiu “que o batismo só era válido quando

11 Zwingli, H. *Huldreich Zwinglis Samtliche Werke (Corpus reformatorum)*, p. 254.

12 Idem

13 “Cuius regio, eius religio” (Tal príncipe, tal religião).

14 Mullins, E. Y. *Os axiomas da religião*, 1956, p. 28 e 49.

15 Ibidem, p. 77.

administrado por batistas”¹⁶.

O protestantismo de missão que chega ao Brasil em meados do século XIX reproduz no Brasil o denominacionalismo dos Estados Unidos. De fato, com exceção do casal Kalley, vindo da Grã-Bretanha, que implanta o congregacionalismo, as demais denominações chegam ao Brasil, no século XIX, através de missões norte-americanas: presbiterianos, metodistas, batistas e episcopais.

O congregacionalismo no Brasil está estruturado em torno da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais no Brasil (UIECB), da Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais no Brasil (AIECB) e da Igreja Evangélica Congregacional no Brasil (IECB), esta constituída em 1942 a partir de imigrantes no sul do Brasil.

O missionário presbiteriano Ashbel Green Simonton chegou ao Brasil em 1859, procedente dos Estados Unidos, e em 1862 foi organizada a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. Em 1888 o presbiterianismo brasileiro tornou-se autônomo, com a organização do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil. No Sínodo de 1903, um grupo de pastores e presbíteros, com algumas comunidades por eles representadas, separam-se da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), organizando a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB). Divergências doutrinárias ou questões eclesiais serão responsáveis por outras denominações presbiterianas no Brasil: Igreja Presbiteriana Conservadora (1940), Igreja Presbiteriana Renovada (1972/1975), Igreja Presbiteriana Unida (1978), além de grupos menores.

Os metodistas, cujas comunidades no Brasil passaram a ser organizadas a partir de 1876, contam, além da Igreja Metodista, com grupos menores, como a Igreja Metodista Wesleyana, organizada em 1967, com características pentecostais.

A denominação batista chegou ao Brasil com imigrantes vindos dos Estados Unidos, devido à Guerra da Secessão, tendo sido organizadas algumas congregações a partir de 1871, no Estado de São Paulo. Em 1882 foi organizada uma Igreja batista em Salvador (BA) e em 1907, também em Salvador, surgiu Convenção Batista Brasileira. Em 1967 várias igrejas batistas brasileiras, sob a liderança do pastor Enéias Tognini, desligaram-se da Convenção Batista Brasileira, organizando a Convenção Batista Nacional, em razão da adoção de doutrinas pentecostais. Um número significativo de igrejas batistas passou a existir sem vínculos com essas convenções, bem como umas com as outras, desde então.

89

OS MOVIMENTOS PENTECOSTAL E NEOPENTECOSTAL NO BRASIL E SUAS DENOMINAÇÕES

DENOMINAÇÕES PENTECOSTAIS

Nos Estados Unidos, na primeira década do século XX, teve início o movimento pentecostal, com dois marcos importantes. O primeiro, o Colégio Bíblico Betel, fundado por Charles Parham, em Topeka, Kansas, no qual se desenvolveu a teologia de que o falar em línguas estranhas, ou outras línguas, era o sinal do batismo com o Espírito Santo. Na passagem para o ano de 1901, uma das alunas do Colégio, Agnez Ozman, foi “batizada com o Espírito Santo”, na aceção da teologia pentecostal. Em 1905 Parham fundou uma escola bíblica em Houston, na qual estudou o pastor W. J. Seymour, da Igreja Holiness.

¹⁶ Bebbigton, D. W. “Batistas”, Dicionário crítico de teologia, 2004 p. 262.

O segundo marco foi a atuação de W. J. Seymour, dirigindo reuniões na Rua Azuza, 312, em Los Angeles, em abril de 1906, nas quais ocorreram os fenômenos de falar em outras línguas. O movimento estendeu-se a outras regiões dos Estados Unidos, posteriormente, a outros países.

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL

A Congregação Cristã no Brasil (CCB) teve início em 1910 com a chegada de Louis Francescon, um italiano vindo dos Estados, onde viveu duas décadas e aderiu ao recente movimento pentecostal. No hinário da CCB consta *Pontos de doutrina e da fé que uma vez foi dada aos santos*, com 12 artigos, no qual o sétimo reza: “Cremos no batismo do Espírito Santo, com a evidência de falar em novas línguas conforme o Espírito Santo concede que se fale (At 2,4. 10,45-47;19,6)”¹⁷

ASSEMBLEIA DE DEUS

Em novembro de 1910 chegaram ao Brasil (Belém do Pará) os missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, procedentes dos Estados Unidos, onde aderiram ao movimento pentecostal. No princípio, frequentaram uma igreja batista, mas divergências sobre a prática pentecostal levaram os dois missionários a deixar a igreja, com cerca de dezoito pessoas. A nova igreja, inicialmente chamada *Missão de Fé Apostólica*, em 1918 adotou a denominação *Assembleia de Deus*. A Igreja pratica apenas o batismo de crentes, com imersão, e destaca o “batismo bíblico do Espírito Santo”, com a evidência de falar em outras línguas (ou línguas estranhas).¹⁸

90

As Assembleias de Deus no Brasil não conservaram uma unidade denominacional. O maior grupo de igrejas encontra-se filiado à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB). Em 1989, um grupo considerável de pastores com suas igrejas desligaram-se da CGADB, formando a Convenção Nacional das Assembleias de Deus (CONAMAD), Ministério Madureira. Um outro grupo alinha-se em torno da Convenção Geral das Igrejas Assembleia de Deus no Brasil (CGIADB). Além disso, há grupos ou ministérios “autônomos”, como a “Assembléia de Deus Betesda”, “Assembléia de Deus Vitória em Cristo”, e outros.

OUTRAS DENOMINAÇÕES PENTECOSTAIS

Outras denominações pentecostais passaram a ser organizadas no Brasil: Igreja Avivamento Bíblico (1946), fundada por Mário Roberto Lindstron e Alidio Flora Agostinho; Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), pelo missionário Harold Williams; Igreja Evangélica Pentecostal “O Brasil para Cristo” (1956), por Manoel de Mello (1929-1990); Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962), por David Martins Miranda e Igreja de Nova Vida (1960), fundada pelo canadense Walter Rober McAlister (1931-1993).

¹⁷ Hino de Louvores e Súplicas a Deus, 2003 (sem paginação, no final do hinário).

¹⁸ Mensageiro da Paz, “Cremos”, Ano 75, n. 1440, 1 maio de 2005, p. 2.

Denominações neopentecostais

As denominações neopentecostais caracterizam-se pela adoção da chamada “teologia da prosperidade”, bem como pela ênfase em curas e exorcismos.

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) foi fundada por Edir Macedo, em 1977, na cidade do Rio de Janeiro. Edir Macedo, que se intitula “bispo”, saiu da Igreja Pentecostal de Nova Vida.

A Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD) foi fundada pelo missionário Romildo Ribeiro Soares em 1980, em Duque de Caxias (RJ). Soares, cunhado de Edir Macedo, havia organizado, com este, a IURD.

Outra denominação oriunda da IURD é a Igreja Mundial do Poder de Deus, fundada pelo “apóstolo”, Valdemiro Santiago, ex-bispo da IURD, em Sorocaba (SP), em 1998.

A Comunidade Evangélica Sara nossa Terra foi fundada pelo auto-intitulado bispo Robson Lemos Rodovalho e por sua esposa, Maria Lucia Rodovalho, em Brasília (DF), em 1992.

A Igreja Renascer em Cristo (IRC) foi fundada em São Paulo, em 1986, por Estevam Hernandes Filho e sua mulher, Sonia Haddad Moraes Hernandes, que foram membros da Igreja Evangélica Árabe. Estevam considera-se “apóstolo” e Sonia, bispa da IRC. No ano 2000, um pastor da IRC, Rinaldo Luis de Seixas Pereira (Apóstolo Rina) desligou-se dessa igreja fundando a “Bola de Neve Church”, ou Igreja Bola de Neve, em São Paulo.

A Igreja Casa da Bênção, fundada em 1964 por pastor, hoje “apóstolo” Doriel de Oliveira, em Belo Horizonte, com o nome “Igreja Tabernáculo Evangélico de Jesus”

Outras denominações menores são a Comunidade da Graça, fundada em São Paulo em 1979, pelo pastor Carlos Alberto de Quadros Bezerra, a Igreja Nova Aliança (Londrina-PR), a Comunidade Cristã Paz e Vida, a Igreja Cristã Apostólica Moriá, fundada pelo “Apóstolo” Edilson Pomini, em Cambé (PR), o Ministério Internacional da Restauração (MIR), a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (INSEJEC), Ministério Ágape, etc. O MIR foi fundado em 1990 em Manaus (AM), por René Terra Nova, que ultimamente se acrescentou o título de *Patriarca* ao de *Apóstolo*. A INSEJEC foi fundada pela pastora Valnice Milhomens Coelho, em São José dos Campos (SP) em 1994, atualmente com sede em Brasília. Valnice foi ungida como apóstola pelo auto intitulado apóstolo e profeta Rony Chaves, da Costa Rica, em um Congresso realizado em São Paulo na *Comunhão Cristã – Igreja Apostólica*, em 2001. Em 2002 Rony Chaves ungiu também Neusa Itioka, fundadora e presidente do *Ministério Ágape*, como “apóstola”. Convém lembrar que algumas denominações neopentecostais denominam-se ministérios.

Cabe ressaltar um enorme número de denominações que surgem com frequência em várias cidades, algumas com nomes esdrúxulos, por vezes com reduzida membresia e mesmo compostas de apenas uma comunidade local. Em Londrina, podem encontrar-se a *Tenda de Adoração*, a *Casa de Davi*, a *Igreja Florzinha de Jesus* e outras.

Considerações sobre a pulverização de denominações à luz da Bíblia e da Patrística

Os defensores do denominacionalismo apresentam alguns argumentos pela validade do sistema, tais como: (1) Torna a evangelização mais eficiente; (2) importa a

unidade espiritual, não a unidade visível e (3) a unidade na diversidade é uma das marcas da Igreja desde os primórdios do cristianismo.

O primeiro argumento não resiste a uma contra-argumentação bíblica. Na oração sacerdotal, Jesus intercede pela unidade de seus discípulos, “para que o mundo creia” (João 17,21). Ora, a desunião dos cristãos não se coaduna com a evangelização da paz em um mundo de guerras e divisões.

Quanto à idéia de que mesmo nas divisões perdura a unidade espiritual, pode-se redarguir que a unidade de que trata o Novo Testamento é visível. O autor da Carta aos Efésios admoesta-os: “com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros com amor, procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Ef 1,1-3). A unidade da Igreja está relacionada com a unidade em Deus, na esperança e na fé comum, bem como no único batismo: “Há um só Corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança da vocação com que fostes chamados; há um só Senhor, uma só fé e um só batismo. Um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos” (Ef 4,4-6).

Em 1Co 1,10-13 o apóstolo Paulo admoesta os cristãos a buscarem a unidade: “Paulo terá sido crucificado em vosso favor? Ou fostes batizados em nome de Paulo?” (1Co 1,13).

Clemente Romano, em fins primeiro século, exorta os coríntios à unidade: “Para que haver brigas, ódios, disputas, divisões e guerras entre vós? Não temos nós um só Deus, um só Cristo, um só Espírito de graça que foi derramado sobre nós, e uma só vocação em Cristo? Por que esquartejamos e rasgamos os membros de Cristo? Por que nos revoltamos contra o nosso próprio corpo, chegando a tal ponto de loucura?¹⁹ Clemente aponta algumas saídas para o retorno à unidade: arrependimento e confissão, a prática do amor fraterno, da justiça, da humildade e a esperança comum.²⁰

Ireneu, bispo de Lião, defende a unidade da Igreja fundamentado na tradição transmitida pelos apóstolos: Aqueles que pertencem à Igreja “percorrem o mundo inteiro conservando a sólida tradição que vem dos apóstolos, mostrando-nos uma única e idêntica fé em todos, porque todos acreditam num só e idêntico Pai, admitem a mesma economia da encarnação do Filho de Deus, reconhecem o mesmo dom do Espírito, observam os mesmos preceitos, mantêm a mesma forma de organização da Igreja, esperam a mesma vinda do Senhor e a mesma salvação”.²¹

Cipriano de Cartago considera o episcopado importante para a unidade da Igreja: “Devemos manter e defender com toda a energia esta unidade, principalmente os bispos, que estamos à frente da Igreja, a fim de provar que o mesmo episcopado é uno e indivisível [...] O episcopado é único, do qual participada cada um por inteiro. Assim, é única a Igreja, que se estende sobre muito pelo crescimento de sua fecundidade, como são muitos os raios do sol, mas uma só é a luz”.²² Cipriano adverte sobre aqueles que, ilegitimamente, se intitulam bispos: “Assim, antes do dia do juízo, aqui também se discriminam os justos dos maus, a palha do trigo. Deste gênero são os que sem chamamento divino se põem a encabeçar temerários aventureiros, os que sem legítima ordenação se constituem em

¹⁹ Clemente Romano, in *Padres apostólicos*, 1995, p. 56.

²⁰ *Ibidem*, p. 58-60.

²¹ *Ibidem*, Livro V, p. 570-571.

²² Cipriano, San. “De la unidad de la Iglesia Católica”, *Obras de San Cipriano*, p. 147. Há uma tradução em português: “A Unidade da Igreja Católica”, Petrópolis, Vozes, 1985.

chefes, os quer, sem ninguém conferir-lhes o episcopado se arrogam o título de bispos”.²³

O cisma donatista do século IV, com seu aspecto sectário, negando a validade do batismo realizado por outros cristãos, foi contestado por Optato de Mileve (+ antes de 400) e por Santo Agostinho (354-430). Optato escreveu: “Vós mesmos podeis ponderar como os que batizam são simplesmente ministros, e não árbitros dos sacramentos, e como os sacramentos são santos por si mesmos e não por obra de homens [...] deixai a Deus o direito de conceder o que é seu”.²⁴ Também para Agostinho a validade dos sacramentos não depende da dignidade de quem o ministra, mas de Cristo, em cujo nome é realizado. O bispo de Hipona relaciona o reconhecimento do batismo com a unidade da Igreja, simbolizada na túnica de Cristo: “Se os perseguidores não rasgaram a veste de quem pendia na cruz, por que destroem os cristãos o sacramento de quem está sentado nos céus?”.²⁵

No cenário denominacional evangélico não é possível constatar a chamada “unidade na diversidade” quando um grupo não reconhece a validade do batismo de outro; quando, muitas vezes, não há hospitalidade eucarística, ou, não raro, quando se pratica o proselitismo.

Uma abordagem interessante vincula a secularização com o conversionismo e o denominacionalismo.

“A conversão leva ao rompimento com a própria ‘biografia da pessoa’, quebrando laços sociais tradicionais e desnaturalizando campo religioso. Isso contribui para a secularização da sociedade à medida que estabelece o paradigma da religião como possibilidade de escolha individual”. “O denominacionalismo é a característica protestante decorrente de sua incapacidade de construir uma nova unidade institucional em virtude do deslocamento do centro da autoridade espiritual do colégio apostólico para o texto sagrado, este passível de interpretação pelo indivíduo. A fragmentação denominacional [...] acaba reforçando e acelerando os processos de secularização”.²⁶

93

Algumas considerações finais

Para o teólogo ortodoxo russo Alexey Khomiakov (1804-1860) “a Ortodoxia associava unidade e liberdade, enquanto, segundo sua opinião, no catolicismo reinava a unidade sem liberdade e, no protestantismo, liberdade sem unidade”.²⁷ Sem entrar no mérito do todo da afirmação, a referência ao protestantismo, sobretudo na atual multiplicidade denominacional, infelizmente, é válida.

Quanto aos títulos de bispo e apóstolo adotados por líderes de algumas denominações e ministérios neopentecostais, é interessante lembrar a afirmação de Cipriano, bispo de Cartago, já mencionada neste trabalho: “são os que sem ninguém conferir-lhes o episcopado se arrogam o título de bispos”.

A “unidade na pluralidade”, no movimento ecumênico, deveria “chegar a idéia de uma forma de unidade eclesial que não aniquile nem absorva a pluralidade e de uma forma de multiplicidade que não torne a unidade invisível [...] O esforço em prol da unidade

²³ Ibidem, p. 152.

²⁴ Optato de Mileve, *De vera eccle sia*, V. 4, Apud Padovese, Luigi, Introdução à teologia patrística, 1999, p. 104.

²⁵ San Agostin. Carta 23 a Maximino, in *Obras de San Agostin*, Tomo VIII, BAC, 1951, p. 102-103.

²⁶ Idem.

²⁷ Jedin, Hubert, *Manual de Historia de la Iglesia*, 1988, p. 496.

deve resistir à tentação de concentrar-se na unidade mais cômoda e na uniformidade [...] E a pretensão do múltiplo não pode contentar-se, egoisticamente, em mera declaração sem convicção em favor da unidade”.²⁸

REFERÊNCIAS

AGOSTIN, San. *Obras de San Agustín*. Tomo VIII, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1951.

BEBIGTON, D. W. “Batistas”, *Dicionário Crítico de Teologia*. Org. J. Yves Lacoste, 2004.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo, Paulinas, 1981.

CALVINO, J. *Institución de la Religión Cristiana*. Buenos Aires, Nueva Creación, 1988.

CERVEIRA, Sandro Amadeu. “Protestantismo tupiniquim. Modernidade e democracia: limites e tensões da(s) identidade(s) evangélicas no Brasil contemporâneo”, *Revista de Estudos de Religião*, São Paulo, PUC, março de 2008, p. 27-53 (ISSN 1677-1222).

CIPRIANO, San. *Obras de San Cipriano*. Madrid. Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1964.

CIPRIANO, SÃO. *A unidade da Igreja católica*. Petrópolis, Vozes, 1985.

CLEMENTE ROMANO, “Primeira Carta de Clemente aos Coríntios”, *Padres apostólicos*, São Paulo, Paulus, 1995.

Enchiridion Vaticanum, II (Documenti ufficiali della Santa Sede 1963-1967), Bolonha, p. 501-503.

Hinário de Louvores e Súplicas a Deus. São Paulo, Congregação Cristã no Brasil, 2003.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. *Cartas de Santo Inácio de Antioquia*. Petrópolis, Vozes, 1984.

IRENEU DE LIÃO. *Adversus haereses, Livros I a V*, Tradução de Lourenço Costa. São Paulo, Paulus, 1995 (Patrística).

JEDIN, Hubert. *Manual de História de la Iglesia, Volume VIII*. Barcelona, Herder, 1988.

Mensageiro da Paz. Assembleia de Deus, Rio de Janeiro, maio de 2005 (n. 1440).

MORENO, Tomás. “Algumas propostas para a transformação da cidade de Londrina”.

In Weil, Pierre, *A revolução silenciosa*, São Paulo, Pensamento, 2004, p. 165.

²⁸ VV.AA. O novo livro da fé, 1976, p. 421.

MULLINS, E. Y. *Os axiomas da religião*. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1956.

PADOVESE, Luigi. *Introdução à teologia patrística*, 1999, p. 104.

VV. AA. *O novo livro da fé. A fé cristã comum* (publicado por Johannes Feiner e Lukas Vischer). Petrópolis, Vozes, 1976.

ZWINGLI, H. *Huldreich Zwinglis Samtliche Werke (Corpus reformatorum)*, p. 254.